
MONSTRUOSIDADES E NORMALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA DAS IDENTIDADES MARGINALIZADAS EM “POBRES CRIATURAS”

MONSTROSITIES AND NORMALIZATION: A FOUCAULDIAN ANALYSIS OF MARGINALIZED IDENTITIES IN “POOR THINGS”

NILO SANCHEZ
Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo analisa o filme *Pobres Criaturas* (2023), dirigido por Yorgos Lanthimos, a partir das teorias de Michel Foucault sobre anormalidade e monstrosidade. O objetivo é explorar como essas representações midiáticas impactam a formação de subjetividades e a dinâmica de poder/saber na sociedade contemporânea. Foucault dedicou-se a estudar os mecanismos de poder que definem e marginalizam o "anormal", revelando como a sociedade constrói e reforça padrões de normalidade. Através de uma revisão bibliográfica e uma análise de conteúdo e crítica, o estudo examina como o filme critica as instituições que impõem normas, destacando a personagem de Bella Baxter como um símbolo de resistência e busca por autonomia. Bella desafia as normas sociais vitorianas e os padrões de comportamento impostos, promovendo uma visão de anormalidade como ato de libertação. O artigo conclui que *Pobres Criaturas* utiliza o conceito de monstrosidade para questionar as normas sociais e os mecanismos de controle que moldam identidades, contribuindo para debates sobre mídia, filosofia e estudos de gênero.

Palavras-chave: anormalidade; monstrosidade; Michel Foucault; representações midiáticas; *Pobres Criaturas*.

Abstract: This article analyzes the film *Poor Things* (2023), directed by Yorgos Lanthimos, through the lens of Michel Foucault's theories on abnormality and monstrosity. The objective is to explore how these media representations impact the formation of subjectivities and the dynamics of power/knowledge in contemporary society. Foucault dedicated himself to studying the mechanisms of power that define and marginalize the "abnormal," revealing how society constructs and reinforces standards of normality. Through a bibliographic review and a content and critical analysis, the study examines how the film critiques the institutions that impose norms, highlighting the character Bella Baxter as a symbol of resistance and the quest for autonomy. Bella challenges Victorian social norms and imposed behavioral standards, promoting a vision of abnormality as an act of liberation. The article concludes that *Poor Things* uses the concept of monstrosity to question social norms and the mechanisms of control that shape identities, contributing to debates on media, philosophy, and gender studies.

Keywords: abnormality; monstrosity; Michel Foucault; media representations; *Poor Things*.

1 INTRODUÇÃO

O cinema, como poderoso meio de expressão e difusão de ideias, é um terreno fértil para a análise crítica da sociedade, especialmente quando dialoga com as reflexões de pensadores como Michel Foucault. O filme *Pobres Criaturas* (2023), do cineasta grego Yorgos Lanthimos, apresenta uma releitura do clássico mito de Frankenstein, inserindo-o em um contexto de profunda exploração da experiência humana e abordando temas como "anormalidade" e "monstruosidade" sob a ótica da sociedade vitoriana.

O objetivo deste artigo é explorar como os conceitos foucaultianos de anormalidade e monstruosidade se manifestam nas representações midiáticas de identidades marginalizadas, analisando o impacto dessas representações na formação de subjetividades e na dinâmica de poder/saber na sociedade contemporânea. Michel Foucault dedicou-se a estudar os mecanismos de poder que definem e marginalizam o "anormal", revelando como a sociedade constrói e reforça padrões de normalidade. Com o avanço das tecnologias de comunicação e a crescente influência dos meios de comunicação de massa, faz-se necessário examinar como essas ideias se aplicam às práticas contemporâneas de representação midiática.

A metodologia deste estudo inclui uma revisão bibliográfica das obras de Michel Foucault, focando nos conceitos de anormalidade, monstruosidade e a vida dos homens infames, seguida de uma análise fílmico-compreensiva *Pobres Criaturas* (2023), entre outras representações midiáticas que retratam identidades marginalizadas. Por fim, uma análise crítica interpreta os dados coletados à luz das teorias foucaultianas e de outros autores relevantes.

A presente análise se propõe a desvendar como o filme, através da jornada de Bella Baxter, uma mulher renascida com o cérebro de um feto, questiona e subverte os mecanismos de normalização que moldam as identidades e práticas sociais. Através das lentes foucaultianas, explora-se a construção da "anormalidade" e da "monstruosidade" como reflexos de uma sociedade que busca categorizar e controlar a vida, especialmente no que tange ao corpo e à sexualidade da mulher.

O estudo analisa as formas como *Pobres Criaturas* (2023) critica as instituições que se propõem a definir e impor a "normalidade", como a ciência, a família e a sociedade vitoriana. Destaca-se como o filme, através da personagem de Bella, desafia os padrões de comportamento e as expectativas sociais, promovendo uma busca por autonomia e identidade autêntica.

Este artigo, portanto, busca contribuir para o debate sobre a construção de identidades e subjetividades nas sociedades contemporâneas, analisando como o cinema, a partir de uma obra como *Pobres Criaturas* (2023), pode ser um poderoso instrumento de crítica social e de desconstrução de normas. A análise de Foucault sobre o biopoder e a normalização, aliada às análises de García Serrano (2024), Briceño (2024) e Albert (2024), oferecerão as ferramentas para desvendar como a obra de Lanthimos desmascara os mecanismos de poder que se manifestam na sociedade moderna e nos convida a repensar a relação entre "normalidade" e "anormalidade".

2 A CONSTRUÇÃO DA MONSTRUOSIDADE E DA ANORMALIDADE EM “POBRES CRIATURAS”

Pobres Criaturas (2023), a mais recente obra de Yorgos Lanthimos, transcende a mera releitura do mito de Frankenstein para se tornar uma profunda exploração da experiência humana, permeada por elementos do grotesco e da estranheza. Baseado na obra homônima publicada em 1992 pelo escritor escocês Alasdair Gray, o filme se torna um palco para analisar a construção da anormalidade e da monstruosidade na sociedade vitoriana, especialmente no que tange à figura feminina, através da jornada de Bella Baxter. Como observa Federico García Serrano (2024), “a criatura do cientista pouco ortodoxo desta vez é uma mulher cujo nome já está incorporado às referências do gênero, Bella Baxter (e com ela a atriz Emma Stone)”¹ (García Serrano, 2024, p. 1, tradução do autor).

¹ Texto original: “La criatura del científico poco ortodoxo esta vez es una mujer cuyo nombre ya queda incorporado a los referentes del género, Bella Baxter (y con ella la actriz Emma Stone).”

A personagem de Bella, criada pelo Dr. Godwin Baxter, representa a transgressão da ordem natural e das normas sociais. Ela é um corpo que desafia as convenções, uma "criatura" que se rebela contra as imposições da sociedade vitoriana. García Serrano (2024) descreve Bella como "o cérebro transplantado que se torna o motor do enredo, como um batimento cardíaco que o faz evoluir sem descanso, com a ânsia de aprender de uma criança em sua infância"² (García Serrano, 2024, p. 1, tradução do autor). Bella é livre de moralismos e preconceitos, buscando uma vida autêntica e sem amarras. Essa liberdade, contudo, a torna uma monstruosidade aos olhos de uma sociedade conservadora, que a rejeita por sua origem científica e por sua natureza livre e desprovida de preconceitos.

A análise foucaultiana da "anormalidade" e da "monstruosidade" nos permite compreender como Bella é construída como um corpo transgressor, um ser que não se encaixa nos padrões da sociedade.

O indivíduo anormal do século XIX vai ficar marcado — e muito tardiamente, na prática médica, na prática judiciária, no saber como nas instituições que vão rodeá-lo — por essa espécie de monstruosidade que se tornou cada vez mais apagada e diáfana, por essa incorrigibilidade retificável e cada vez mais investida por aparelhos de retificação. E, enfim, ele é marcado por esse segredo comum e singular, que é a etiologia geral e universal das piores singularidades. Por conseguinte, a genealogia do indivíduo anormal nos remete a estas três figuras: o monstro, o incorrigível, o onanista. (Foucault, 2001, p. 75).

É fundamental observar como o filme questiona a própria definição de "normalidade" e "anormalidade" através da personagem de Bella. Ela é apresentada como uma mulher adulta com desejos e necessidades próprias, mas ao mesmo tempo é como uma criança em constante aprendizado sobre o mundo. Essa dualidade coloca em cheque a ordem binária que define a normalidade, desafiando as expectativas e os preconceitos da época, como apontado por Albert (2024). Como destaca Carmen Vayá Albert (2024), "sedenta pelo mundanismo que lhe falta, Bella foge com Duncan Wedderburn (Mark Ruffalo), um advogado astuto e debochado, em uma aventura vertiginosa por vários continentes" (Albert, 2024, p. 33).

² Texto original: *"El cerebro trasplantado que se constituye en el motor de la trama, como un latido que la hace evolucionar sin descanso, con el ansia de aprendizaje de una criatura en edad infantil..."*

A figura do "monstro", conforme analisado por Foucault (2001), é ambígua. Ela transgredir as leis e a ordem natural, mas sua violência não pode ser respondida pela lei. O monstro surge como um princípio de inteligibilidade da anomalia, e é possível encontrar traços de monstruosidade até mesmo nas menores irregularidades (FOUCAULT, 2001). *Pobres Criaturas* (2023) utiliza esse conceito para explorar a monstruosidade como um reflexo da sociedade, e não apenas como uma característica intrínseca do corpo de Bella. A sociedade vitoriana é a verdadeira "monstruosa", por tentar censurar e controlar a liberdade de Bella, por rejeitar sua natureza e por tentar impingir seus valores sobre ela.

A "anormalidade" se torna ainda mais complexa quando analisamos as instituições que tentam controlar e moldar a normalidade. O Dr. Baxter, representante da ciência e criador de Bella, se torna um manipulador que deseja controlar a vida da sua criação, restringindo-a em sua casa e moldando sua experiência. A sociedade vitoriana, com seus costumes e moralismos, também exerce um papel de controle sobre Bella, tentando censurar sua liberdade e seus desejos.

Foucault (2001) demonstra como instituições como a família, a escola, a igreja e o estado, através de seus discursos e práticas, tentam impor normas e definir o "normal", criando mecanismos de controle sobre os indivíduos. *Pobres Criaturas* (2023) questiona esse poder, mostrando como a "anormalidade" pode ser um ato de libertação e resistência. O filme nos convida a pensar sobre as instituições que tentam moldar a vida e a liberdade das pessoas, e como o indivíduo pode se rebelar contra esse controle, buscando construir sua própria identidade e viver de acordo com seus próprios valores.

Outro elemento fundamental na análise de Bella é a sexualidade. A jornada de descoberta do mundo exterior se entrelaça com a descoberta do seu corpo e da sua sexualidade. O filme, contudo, se distancia da visão romântica convencional do sexo, mostrando Bella explorando sua sexualidade de maneira livre e instintiva, sem regras ou moralismos. Essa abordagem se conecta com a análise de Foucault sobre a sexualidade como um "instinto" que, no final do século XIX, passou a ser visto como "a raiz, o fundamento, o princípio etiológico geral da maioria das outras formas de anomalia" (Foucault, 2001, p. 212). *Pobres Criaturas* (2023) questiona a ideia de que o sexo deve

ser reprimido ou controlado, mostrando Bella como uma mulher que se liberta das expectativas sociais e se conecta com seu corpo de maneira autêntica.

É importante ressaltar que a sexualidade de Bella não é meramente um ato de prazer, mas uma forma de desafiar as normas e os tabus da sociedade vitoriana. A sexualidade se torna uma ferramenta de libertação, uma forma de Bella afirmar sua autonomia e sua individualidade (Figura 1), como observado por Richard Joel Acosta Briceño (2024). Como Briceño (2024) aponta,

É claro que experimentar novas sensações vai muito além do prazer carnal, pois, embora esse seja um dos maiores interesses de Bella, ela também se excita com música, o canto da mulher, comida, pessoas discutindo, paisagens e muito mais que só pode ser resumido como o entusiasmo de Bella pela vida (Briceño, 2024, p. 3.043, tradução do autor).³

A história de Bella é, portanto, uma narrativa de libertação e de construção da identidade. Ela busca se libertar das amarras que a sociedade impõe sobre ela, tanto física quanto mentalmente. Bella busca construir sua própria identidade, livre dos padrões impostos pela sociedade, e essa busca a coloca em confronto com as expectativas e os preconceitos que a cercam. Ela rejeita a definição que lhe é imposta como "monstro" e busca a própria liberdade, forjando sua própria história e seus próprios valores.

³ Texto original: “*Por supuesto, que el experimentar nuevas sensaciones va mucho más allá del placer carnal, ya que, aunque es uno de los mayores intereses de Bella, ella también se ilusiona por la música, la mujer que canta, la comida, las personas discutiendo, los paisajes, mucho más que solo se lo puede resumir como que Bella se emocione por vivir.*”

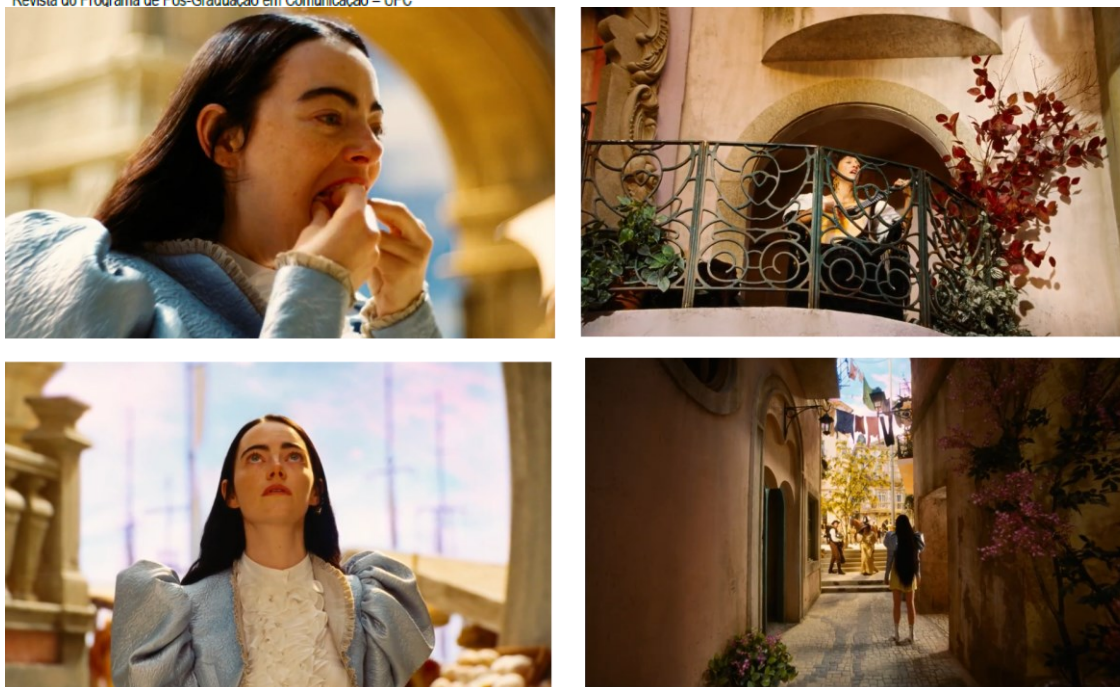


Figura 1. Bella sai sozinha pelas ruas de Lisboa, enquanto Duncan dorme no hotel.

A construção da identidade como um processo individual e subjetivo, como analisado por Foucault, é representada de forma poderosa na jornada de Bella. O filme demonstra como a identidade não é algo fixo ou predefinido, mas uma construção constante e em constante transformação, moldada pelas experiências individuais e pelas interações com o mundo.

Pobres Criaturas (2023) se torna, assim, um poderoso exemplo da crítica de Foucault às instituições de controle e à imposição de normas. O filme, através da figura de Bella, explora a "anormalidade" como um ato de resistência e libertação, mostrando como a busca pela identidade e a conexão com a própria sexualidade podem se tornar ferramentas de emancipação. O filme nos convida a questionar as normas e os preconceitos que regem a sociedade e a pensar sobre a "anormalidade" como um espaço de liberdade e autodeterminação.

3 MECANISMOS E PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO DAS IDENTIDADES PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A análise de Michel Foucault sobre o poder nos convida a abandonar as concepções tradicionais de "lei" e "soberania", focando em um novo domínio: o da

norma. O poder, para Foucault, não reprime, mas constitui e molda as individualidades e práticas sociais, operando por meio de mecanismos de normalização. Este processo é fundamental para a compreensão da sociedade moderna, especialmente quando consideramos o papel dos meios de comunicação na sua difusão.

Foucault identifica duas modalidades de exercício do poder nas sociedades ocidentais modernas: a disciplina e a biopolítica. A disciplina atua sobre os indivíduos, moldando seus corpos e comportamentos, enquanto a biopolítica se dirige às populações, buscando regular sua saúde, reprodução e bem-estar. Esses dois eixos formam o biopoder, um conceito central na obra de Foucault que demonstra como o poder moderno se volta para a vida em sua dimensão biológica, regulando-a em todos os seus aspectos.

A normalização é um processo fundamental do biopoder. Através de normas que definem o que é considerado "normal" e "desviante", a sociedade busca regular a vida dos indivíduos e das populações, criando uma sociedade de normalização. As normas, que se tornam invisíveis e naturalizadas, penetram em todos os domínios da vida, moldando nossas identidades e práticas sociais.

Neste contexto, os meios de comunicação assumem um papel catalisador na difusão e naturalização das normas. Através de suas narrativas, imagens e representações, os meios de comunicação contribuem para a construção de um imaginário social que define o que é considerado "normal" e "desejável".

Alguns mecanismos pelos quais os meios de comunicação contribuem para a normalização são: a construção de modelos de identidade, a disseminação de normas sociais, a estigmatização do diferente, a normalização da violência e a criação de necessidades e desejos.

Os meios de comunicação frequentemente apresentam modelos de comportamento, aparência e sucesso que se tornam referências para os indivíduos. Personagens de filmes, novelas e séries, histórias de sucesso e propagandas moldam as aspirações e identidades desejáveis, criando um sistema de normas que define o "ideal" de beleza, sucesso profissional, vida familiar e comportamento social. Pensemos, por

exemplo, no impacto de novelas como *Avenida Brasil* (2012) que, além de gerar grande repercussão e engajamento, contribuiu para a popularização da expressão "periguete", criando um estereótipo de mulher e alimentando um imaginário social a respeito do comportamento feminino.

Através de seus conteúdos e mensagens, os meios de comunicação reforçam e naturalizam as normas sociais existentes, consolidando valores e crenças dominantes. Programas de televisão, filmes, novelas, jornais e revistas, através de suas narrativas, transmitem mensagens implícitas sobre o que é considerado correto ou incorreto, contribuindo para a reprodução de padrões de comportamento e hierarquias sociais. Um exemplo claro disso é a representação da família nas novelas, que frequentemente retrata modelos tradicionais, com papéis de gênero bem definidos. Essa constante reprodução do modelo familiar tradicional contribui para a normalização de padrões e para a perpetuação de desigualdades.

A representação da diferença nos meios de comunicação frequentemente se dá através de um processo de estigmatização, contribuindo para a marginalização e exclusão de grupos sociais considerados "desviantes". A construção de estereótipos negativos sobre minorias, indivíduos com deficiência, pessoas LGBTQIA+ e outras comunidades marginalizadas, contribui para a consolidação de um sistema de normas que reforça a exclusão social. A tese de Elso Soares Leite, intitulada *A 'Saída ou Não do Armário' como Acontecimento Discursivo na Mídia Online Brasileira: As Identidades de Gênero LGBT nos Efeitos de Sentidos entre Saberes e Poderes*, analisa como a mídia online brasileira aborda a questão da "saída do armário" para pessoas LGBT. O autor utiliza a Análise do Discurso pecheutiana para investigar como os discursos midiáticos podem tanto estigmatizar quanto resistir às normatividades heterossexuais. Leite observa que, embora haja uma maior visibilidade de pessoas "fora do armário", muitas ainda preferem permanecer nele para evitar violência homofóbica ou LGBTfóbica. Ele destaca que "há, no funcionamento discursivo midiático, a retomada ou a reprodução de dizeres e de sentidos que, historicamente, estigmatizaram e marginalizaram as pessoas das sexualidades não normativas" (Leite, 2020, p. 7). Outro exemplo, é a série *American Horror Story* (2011-presente) que explora temas como a violência contra

mulheres, a homofobia e o racismo, utilizando-se do gênero do terror para abordar questões sociais. Apesar de seu caráter ficcional, a série contribui para o debate sobre a violência e a intolerância, evidenciando as formas como a estigmatização do diferente se manifesta.

A naturalização da violência nos meios de comunicação, através de filmes, séries, videogames e notícias, contribui para a dessensibilização da sociedade em relação à violência e para a banalização da sua presença na vida social. Esse processo contribui para a aceitação da violência como um elemento natural da vida, tornando-a cada vez mais presente e tolerável. A série *Game of Thrones* (2011-2019), por exemplo, retrata uma sociedade em constante guerra, com cenas de violência explícitas, que se tornam corriqueiras em sua narrativa. A banalização da violência na série, apesar de sua ficção, levanta questionamentos sobre o impacto da exposição contínua a esse tipo de conteúdo.

As propagandas e o marketing, elementos centrais da indústria dos meios de comunicação, desempenham um papel crucial na criação de necessidades e desejos nos indivíduos, moldando seus hábitos de consumo e suas aspirações. A sociedade de consumo, com seus padrões de beleza e felicidade impostos, é uma manifestação clara do poder de normalização dos meios de comunicação. A indústria da moda, por exemplo, com sua constante busca pela novidade, cria necessidades e desejos nos consumidores através de campanhas publicitárias que utilizam imagens e narrativas que prometem felicidade e sucesso por meio da aquisição de produtos. Na tese de Aliana Barbosa Aires, intitulada *De gorda a Plus Size: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo - entre Brasil e EUA* (2019), ela menciona que “a globalização democratizou a moda”, mas “isso só foi possível por meio do aparato midiático proporcionado por um sistema de comunicação massivo, que exerceu função determinante na veiculação das informações de moda em âmbito global” (Aires, 2019, p. 16).

É fundamental lembrar que a normalização não é um processo passivo, mas sim ativo e dinâmico. Os indivíduos não são meros receptores passivos, mas sim agentes que também contribuem para a construção e a reprodução de normas, através de suas interações sociais, seus comportamentos e suas escolhas. É por meio da crítica e da

reflexão sobre os processos de normalização que podemos desconstruir as normas invisíveis que nos moldam, questionar os modelos de identidade e os padrões de comportamento impostos, e construir um futuro mais justo e inclusivo, onde a diversidade seja celebrada e a liberdade individual seja respeitada.

Em suma, os meios de comunicação desempenham um papel poderoso na constituição de identidades e práticas sociais, através de mecanismos de normalização que moldam nossa visão de mundo, nossos valores e nossos comportamentos. A análise de Foucault sobre o biopoder e a normalização nos permite compreender como esse processo opera, desvendando as normas invisíveis que nos moldam e nos colocando em uma posição de crítica e reflexão sobre o papel dos meios de comunicação na sociedade moderna.

4 O EFEITO DAS REPRESENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A obra *Em defesa da sociedade* (curso no Collège de France) de Michel Foucault, especialmente seus estudos sobre o poder e a normalização, oferece um arcabouço analítico para compreender o impacto das representações midiáticas na construção de identidades e subjetividades nas sociedades contemporâneas. Para Foucault, o poder não se manifesta apenas através da repressão, mas também através da produção de normas, moldando e constituindo as subjetividades. O conceito de "biopoder", que engloba a disciplina e a biopolítica, define o alvo do poder moderno: a vida, considerada em sua dimensão biológica e social.

A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação. Dizer que o poder, no século XIX, tomou posse da vida, dizer pelo menos que o poder, no século XIX, incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra." (Foucault, 2005, p. 302).

Essa dinâmica de poder, permeada por processos de normalização, se manifesta nas diversas esferas da vida social, incluindo os meios de comunicação. Através de suas

representações, os meios de comunicação contribuem para a difusão e o reforço de normas sociais, moldando as identidades e as subjetividades dos indivíduos.

O filme *Pobres Criaturas* (2023), portanto, se torna um terreno fértil para analisar essa relação complexa entre o poder, a normalização e a construção da subjetividade. A personagem de Bella Baxter, uma mulher renascida com o cérebro de um feto, representa a transgressão das normas sociais vitorianas e a busca por uma identidade autêntica, livre das imposições sociais. Como observado por García Serrano (2024), o filme expõe o processo de normalização que molda a subjetividade de Bella, sujeita a expectativas e padrões sociais que a definem como uma "criatura" e uma "monstruosidade" por sua origem e por sua natureza livre. "Nascida do experimento macabro de um cientista excêntrico, Bella vive presa no corpo de sua antiga mãe, mas longe de todas as normas e preconceitos sociais, como uma cobaia em um laboratório"⁴ (García Serrano, 2024, p. 2). Assim, Bella é forçada a se conformar com os valores e as normas de uma sociedade que busca controlá-la, reprimir sua liberdade e moldar sua experiência.

A representação de Bella, como analisado por Albert (2024), evidencia como a normalização se torna um mecanismo de controle que limita a autonomia dos indivíduos, especialmente no caso das mulheres, que são frequentemente subjugadas a padrões de comportamento e identidade predefinidos. Bella, ao desafiar essas normas, se torna um símbolo de resistência e de busca por uma subjetividade autêntica.

O filme também critica a influência dos discursos médicos e científicos na construção da normalidade, representados através da figura do Dr. Baxter, o criador de Bella. O Dr. Baxter, representando o poder da ciência, se torna um manipulador que deseja controlar a vida de sua criação, restringindo-a em sua casa e moldando sua experiência. Essa representação crítica à instrumentalização da ciência como ferramenta de controle e de normalização, utilizando o saber médico para definir o "normal" e o "anormal", e para justificar a imposição de padrões de comportamento.

⁴ Texto original: "*Nacida del experimento macabro de un excéntrico científico, Bella vive atrapada en el cuerpo de la que fue su madre, pero apartada de todas las normas y los prejuicios sociales, como una cobaya en el laboratorio.*"

Monstruosidades e normalização: uma análise foucaultiana das identidades marginalizadas em "*Pobres Criaturas*" | Sanchez

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 16, 2024

Através de Bella, o filme nos convida a questionar as normas sociais e os mecanismos de controle que moldam nossas identidades e subjetividades. A personagem de Bella, ao se rebelar contra as imposições sociais, representa a busca por uma identidade autêntica, livre das pressões da normalização. Ela nos convida a refletir sobre o poder dos meios de comunicação e como suas representações moldam a nossa percepção de mundo, influenciando a construção de nossas identidades e subjetividades.

É através dessa crítica ao biopoder que *Pobres Criaturas* (2023) se torna um importante recurso para compreender as dinâmicas de poder presentes nas sociedades contemporâneas. O filme nos convida a questionar as normas e os mecanismos de controle que tentam moldar nossas vidas, e a buscar uma liberdade individual e autêntica, livre das imposições da normalização.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, à luz das teorias foucaultianas sobre anormalidade e monstruosidade, revela como as representações midiáticas contemporâneas podem ser poderosos instrumentos de crítica social e de desconstrução de normas. Michel Foucault, em seus estudos sobre poder e normalização, destacou como a sociedade constrói e reforça padrões de normalidade, marginalizando aqueles que são considerados "anormais".

Neste contexto, o filme de Lanthimos oferece uma releitura do mito de Frankenstein que vai além da mera adaptação; ele explora profundamente a experiência humana e os mecanismos de normalização que moldam as identidades e práticas sociais. A jornada de Bella Baxter, uma mulher trazida de volta à vida com o cérebro de um feto, serve como uma metáfora poderosa para as lutas contra as imposições sociais e a busca por uma identidade autêntica.

Ao longo deste artigo, foi demonstrado como Bella desafia as normas sociais vitorianas e os padrões de comportamento impostos, promovendo uma visão de anormalidade como um ato de resistência e libertação. A análise crítica do filme, apoiada pelas interpretações de García Serrano (2024), Briceño (2024) e Albert (2024),

permitiu uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de poder e saber nas representações midiáticas de identidades marginalizadas.

A construção de identidades e subjetividades, como demonstrado através da personagem de Bella, não é um processo fixo ou estático, mas uma constante negociação entre o indivíduo e as forças sociais que buscam moldá-lo. O filme expõe como a normalização atua como um mecanismo de controle, limitando a autonomia e a liberdade dos indivíduos, especialmente das mulheres.

Além disso, *Pobres Criaturas* critica a instrumentalização da ciência e da medicina como ferramentas de normalização, questionando o papel das instituições que definem e impõem normas. A figura do Dr. Baxter simboliza o poder da ciência que tenta controlar e moldar a vida de Bella, refletindo as críticas de Foucault sobre como o saber é usado para justificar a imposição de padrões de comportamento.

Assim, este estudo buscou destacar a importância de analisar as representações midiáticas através das lentes foucaultianas para entender melhor os processos de normalização e a construção de identidades na sociedade contemporânea. Ao questionar as normas e os mecanismos de controle, *Pobres Criaturas* (2023) nos convida a refletir sobre a liberdade individual e a busca por uma identidade autêntica, desafiando os preconceitos e as expectativas sociais.

Conclui-se que os debates acadêmicos e práticos sobre mídia, filosofia e estudos de gênero oferecem reflexões sobre como as práticas de comunicação podem ser transformadas para promover maior inclusão e respeito à diversidade. O cinema, como demonstrado, pode ser uma ferramenta poderosa para a crítica social e a desconstrução de normas, nos incentivando a repensar a relação entre "normalidade" e "anormalidade" e a valorizar a diversidade de experiências humanas.

REFERÊNCIAS

ALBERT, C. V. **Pobres criaturas: explosión de color ektachrome en el ‘coming-of-age’ de una bella Frankenstein**. v. 127. Revista técnica cinematográfica Camera & Light, 2024.

AIRES, Aliana Barbosa. **De gorda à plus size: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo – entre Brasil e EUA**. Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo). Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2019. 230 f.

AMERICAN HORROR STORY. Direção: Brad Falchuk, Ryan Murphy, Halley Feiffer et al. Los Angeles: FX Productions. 2011-presente.

AVENIDA BRASIL. Direção: José Luiz Villamarim e Amora Mautner. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2012.

BRICEÑO, R. J. A. **Yorgos Lanthimos y el Subtexto Detrás de lo Absurdo: Una Narrativa Alterna en Poor Things [Pobres Criaturas]**. Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar, 2024.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, vol. IV. Estratégia, poder-saber**. Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. (1977). **A Vida dos Homens Infames**. Les Cahiers du Chemin.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GAME OF THRONES. Direção: David Benioff, D.B. Weiss et al. Los Angeles: HBO. 2011-2019.

GARCÍA SERRANO, F. N. **Pobres criaturas: Frankenstein en femenino**. El Puente Rojo, 2024.

LEITE, E. S. **A “saída ou não do armário” como acontecimento discursivo na mídia online brasileira: as identidades de gênero LGBT nos efeitos de sentidos entre saberes e poderes**. Doutorado. Programa De Pós-Graduação Em Língua E Cultura. Universidade Federal Da Bahia Instituto de Letras, 2020.

POBRES CRIATURAS. Diretor: Yorgos Lanthimo. Element Pictures, Film4 Productions, Fox Searchlight, TSG Entertainment, 2023.

SOBRE O AUTOR

Nilo Sanchez

Mestrando do Programa de Ciências da Comunicação da ECA-USP e professor da EH! COMUNICA. Possui especialização em Arte e Educação - Teoria e prática pela USP (2017) e graduado em Letras pelo Centro Universitário Padre Anchieta (2013).

Currículo Lattes:

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9460-913X>

E-mail: nilosanchez@usp.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Sanchez, Nilo. Monstruosidades e normalização: uma análise foucaultiana das identidades marginalizadas em “Pobres Criaturas”. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, n. especial, p 55-70, out. 2024.

RECEBIDO EM: 31/07/2024

ACEITO EM: 31/07/2024

PUBLICADO EM: 15/10/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional
